

O esporte além das quatro linhas na pandemia: uma análise do *podcast* “Jogo em Casa” do *ge.globo*¹

Guilherme LONGO²

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

Resumo

Um dos impactos causados pela pandemia da COVID-19 foi a paralisação do esporte, forçando o Jornalismo Esportivo a buscar alternativas para se manter em atividade. Isso levou o *ge.globo* a criar o “Jogo em Casa”, *podcast* que aborda o esporte pelo viés social, político, econômico e cultural, indo além dos resultados, formato mais comum do atualmente. Este artigo tem como proposta compreender como o *podcast* trata esses temas de forma a produzir uma cobertura esportiva diferenciada e alternativa à tradicional. Para a reflexão, utiliza-se protocolo que observa temática, produção e conteúdo dos episódios, através de metodologia quali-quantitativa, formulado pelo autor (LONGO, 2019). Entre as referências, autores que discutem *podcasts* (MEDEIROS, 2005) e diferentes facetas do Jornalismo (TUBINO, 2007; GURGEL, 2012).

Palavras-chave

Jornalismo Esportivo; Podcast; Podcasting; COVID-19; Jogo em Casa

Introdução

A pandemia da COVID-19 mexeu profundamente com o a população ao redor do mundo. Com o crescimento no número de casos, as populações foram aconselhadas ou obrigadas a ficar em casa, para interromper a disseminação descontrolada do vírus.

O esporte foi uma área muito impactada pela pandemia. Assim que os casos começaram a ir além da China, diversos eventos esportivos locais, nacionais e mundiais começaram a ser cancelados ou adiados. Entre a segunda metade de fevereiro e a primeira quinzena de março, quase todas as principais ligas do mundo haviam interrompido as atividades, como futebol, NBA, Fórmula 1, MotoGP e mais.

A paralisação do esporte aconteceu, principalmente, devido à sua natureza, um ambiente que envolve pessoas em proximidade, entre atletas, torcedores ou funcionários. A NBA interrompeu a temporada 2019-20 após o diagnóstico positivo do

¹Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista e Mestre em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Membro da Rede de Pesquisa RadioJor e dos grupos de pesquisa Girafa e GIPTele, ambos da UFSC. E-mail: guilherme.longo93@gmail.com

jogador Rudy Gobert, do Utah Jazz, sendo que, dias antes, ele havia feito uma piada envolvendo a COVID em uma coletiva.

A Fórmula 1 cancelou o GP da Austrália, etapa que abriria a temporada 2020, horas antes do primeiro treino, após um mecânico da McLaren testar positivo, desencadeando desistências de equipes, que questionavam a necessidade da corrida.

Um se destaca dos demais: em 19 de fevereiro, o Atalanta, time italiano de futebol, recebeu o Valência, da Espanha, para o jogo de ida das oitavas de finais da UEFA Champions League, no estádio San Siro, em Milão. Mais de 44 mil pessoas estavam no evento. Após a partida, o número de casos de COVID nas regiões das equipes explodiu e o jogo é visto por autoridades sanitárias como uma “bomba”, responsável pelo agravamento da pandemia em solo europeu.

Com as ligas paradas, o Jornalismo Esportivo precisou buscar outras fontes para manter a produção de conteúdo ao longo do primeiro semestre de 2020. Os eventos começaram a ser retomados a partir de maio, mas a grande maioria voltou apenas no segundo semestre.

Nos últimos anos, o Jornalismo Esportivo adotou um formato mais focado em informar o público sobre resultados de jogos e partidas, além de questões do dia-a-dia dos clubes, principalmente de futebol, com uma presença menor de conteúdos aprofundados. A pandemia forçou os veículos a buscar novas pautas, indo além do resultado. Dessa visão, surgiu o *podcast* “Jogo em Casa”, do portal *ge.globo*, que trata do esporte por vieses sociais, políticos, culturais e econômicos.

Este artigo tem como objetivo analisar o “Jogo em Casa” através dos episódios produzidos desde a sua primeira edição, em março de 2020, até o final de junho do mesmo ano, buscando compreender como a equipe do programa trata o Jornalismo Esportivo, além dos resultados da partida, falando sobre o impacto da pandemia no esporte e temas que normalmente não tem tanto espaço nos veículos.

Para esta análise, utiliza-se protocolo formulado pelo autor (LONGO, 2019), com base em metodologia quali-quantitativa, que visa uma observação total do produto, incluindo temática, produção e conteúdo dos episódios. Visando a reflexão sobre o tema, são utilizados também autores que discutem *podcasts* (MEDEIROS, 2005; MURTA, 2016) e o Jornalismo Esportivo (TUBINO, 2007; GURGEL, 2012).

1. O podcasting e a liberdade de produção do meio

Na atual era do consumo hipersegmentado e individual da informação, o *podcast* é um dos formatos que mais tem crescido em termos de audiência e oferta de conteúdo. Segundo a pesquisa *The Podcast Consumer*, que avaliou o consumo do formato nos Estados Unidos no ano de 2017, mais de 50% da população americana havia ouvido pelo menos um produto do tipo em algum momento do ano sendo que, desse número, estima-se que 54% são ouvintes de maior frequência, no mínimo mensal³.

No Brasil, o mercado de *podcasts* demorou para aquecer, mas cresceu rapidamente, a ponto de o país ter sido o segundo maior consumidor do formato no mundo em 2019, segundo dados divulgados pelo *Spotify*. Ainda de acordo com a plataforma, o consumo cresceu em média 21% por mês desde janeiro de 2018⁴.

O formato surgiu nos anos 2000, com o esforço de várias pessoas que criaram ferramentas que facilitaram seu surgimento. Um deles foi o ex-VJ da MTV Adam Curry que, com a ajuda de um programador e a tecnologia RSS (que permite a busca automática de arquivos de interesse do usuário), conseguiu ir além da simples disponibilização posterior de um programa em um site. Com a ferramenta criada, era possível fazer uma procura automática de *podcasts*, salvando os arquivos em um computador ou dispositivo portátil. O produto final do *podcast*, apenas em áudio com um arquivo final mais leve do que o vídeo, foi importante para a popularização.

A invenção atribuída a Curry foi revolucionária por quebrar um modelo predominante na indústria da comunicação desde o início: a obrigação do ouvinte / espectador de ficar preso a uma grade de programação, sem a possibilidade de consumir um programa em horário alternativo ou repetidas vezes, além da não-restrição de conteúdo, como comenta Medeiros (2005).

A ideia é exatamente burlar esse tipo de prática, incluindo na programação dos *podcasts* conteúdo sonoro alternativo, que pode ser desde uma banda ou artista sem gravadora até um conteúdo técnico não musical com discussões sobre algum tema específico, como, por exemplo, *gadgets* para *iPods*, passando pelos audioblogs e / ou diários sonoros. Ainda não existem restrições (censura) ou qualquer tipo de controle quanto ao conteúdo encontrado nos podcasts. Essa é uma das

³*The Podcast Consumer 2019*. Disponível em: <https://www.edisonresearch.com/the-podcast-consumer-2019/>. Acesso em: 01 out. 2020

⁴ Podcast cresce 21% no Brasil e *Spotify* investe em criadores de conteúdo. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/11/podcast-cresce-21percent-no-brasil-e-spotify-investe-em-criadores-de-conteudo.ghtml>. Acesso em: 01 out. 2020

características do Podcasting, que difere de outros tipos de transmissões sonoras via internet (MEDEIROS, 2005, p. 3).

Um dos maiores atrativos do *podcast* é a facilidade e a liberdade de produção. Para criar seu produto não são necessários altos investimentos. Bastam os equipamentos necessários, cujos preços caíram consideravelmente nos últimos anos, e o manuseio dos mesmos tem se tornado mais fácil. E, por estar produzindo um conteúdo que será liberado na internet, fora de uma grade de programação, o autor pode ir além, experimentando novos modelos ou falando de temas que não são abordados pela imprensa a exaustão. Segundo Murta (2016), isso também muda o relacionamento do consumidor com a produção, algo que já é comum na era da internet:

A tecnologia do Podcasting apresenta, neste cenário, uma forma de transmissão mais participativa e acessível, que permite aos usuários produzir e fazer circular conteúdo sonoro, mantendo características que o aproximam do que seria “o melhor aparelho de comunicação possível na vida pública” (MURTA, 2016, p. 5).

Kischinhevsky (2018) corrobora em parte com a visão de Murta e vai além em sua análise sobre produções mais recentes do mundo dos *podcasts*, falando sobre como a liberdade de produção colabora com um afastamento de um modelo mais engessado e tradicional do radiojornalismo visto nas emissoras.

Quais os fios condutores deste novo radiojornalismo narrativo que caracteriza uma ampla produção de *podcasts* a nível internacional? Em linhas gerais, investem na apuração em profundidade, ouvindo extensamente as fontes escolhidas e recorrendo à ilustração destes personagens em diversos momentos dos episódios, sem a restrição de tempo das sonoras usadas no radiojornalismo convencional – raramente superiores a 30 segundos de duração (KISCHINEVSKY, 2018, p. 6)

2. O que esperamos do Jornalismo Esportivo?

O esporte seguiu uma trajetória similar à de outros temas quando falamos de *podcasts*. Nos últimos anos, foi possível notar um crescimento exponencial no número de opções dedicadas ao mundo do esporte, falando sobre modalidades esportivas ou até mesmo equipes específicas.

O Jornalismo, em especial o Esportivo, viu no formato uma oportunidade de ampliar sua oferta de conteúdo nesse contexto hipersegmentado, com diversos veículos lançando podcasts abordando produtos específicos para diferentes públicos.

Por isso, é importante buscar uma definição ideal do que seria o Jornalismo Esportivo. Apesar de ser uma visão mais utópica, concorda-se com a proposta de Tubino (2007, p. 719) sobre o termo:

[...] é uma atividade especializada de Jornalismo na qual são transmitidas informações, opiniões (interpretações e críticas) e análises do esporte em qualquer aspecto de sua abrangência sociocultural. O Jornalismo Esportivo é exercido por jornalistas com conhecimentos em esportes em geral ou em aspectos esportivos [...] A cobertura jornalística esportiva, na sua maioria, é setorizada, podendo incidir sobre clubes, modalidades, entidades, dirigentes ou outros aspectos esportivos importantes. (TUBINO, 2007, p. 719)

A definição de Tubino coloca o Jornalismo Esportivo próximo do que se é compreendido como ideal nesta pesquisa, ao falar da “abrangência sociocultural” do esporte, mostrando que a produção deveria ir além de apenas noticiar os resultados e o que acontece dentro das arenas esportivas.

Mesmo com um trabalho consolidado, em especial no Brasil, o Jornalismo Esportivo sempre foi alvo de debates, inclusive dentro da Academia, onde muitos ainda afirmam que é uma área menor, não somente pelo produto final, mas também pela sua aproximação com o entretenimento, que ganhou força recentemente. Pesquisadores como Barbeiro e Rangel (2006) defendem que essa é uma discussão inútil.

Jornalismo é Jornalismo, seja ele esportivo, político, econômico, social. Pode ser propagado em televisão, rádio, jornal, revista ou internet. Não importa. A essência não muda porque sua natureza é única e está intimamente ligada às regras da ética e ao interesse público (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 13)

Bruel (1989), analisando a função social do esporte, define três categorias que, na visão do autor, podem ser transpostas para o campo do Jornalismo, sendo aplicadas como tipos de pautas e temas. São eles, o “Esporte Performances”, as modalidades de alto rendimento e o espetáculo do esporte, o “Esportes Participação”, que seria todo o tipo de atividade esportiva praticada pela população de forma espontânea, e o “Esportes Formação”, com o objetivo de formar cidadãos úteis à sociedade.

No Jornalismo Esportivo brasileiro, é mais comum encontrar pautas do primeiro tipo. O segundo acaba sendo mais restrito a publicações especializadas, ganhando mais espaço e visibilidade com o advento da internet. Já o terceiro é um tipo pouco comum.

Além da prevalência do futebol em comparação com outras modalidades, o Jornalismo Esportivo também é marcado por outra predominância. Os veículos, independente do meio, tendem a focar no que acontece dentro das quatro linhas das arenas, destacando resultados, pré e pós-jogos, treinos, entrevistas coletivas e material opinativo, como palpites de resultados e a análise de partidas. Abordar as questões econômicas, sociais e políticas do esporte acaba, muitas vezes, de fora do dia-a-dia, aparecendo com força quando um acontecimento torna essa discussão inevitável, como as dívidas dos clubes ou questões sociais. Isso tem se mostrado mais frequente em programas e publicações de menor periodicidade (semanais e mensais) e fora dos grupos ditos “tradicionalistas”.

Por isso, concorda-se com a visão de Gurgel (2012) sobre como o Jornalismo Esportivo deve se posicionar, podendo ser aplicado na produção diária e não apenas na cobertura de megaeventos, como proposto pelo autor:

O caminho que defendemos como uma forma de atualizar o Jornalismo Esportivo é o da ampliação da ênfase nos aspectos socioeconômicos do esporte na cobertura dos eventos e do cotidiano das modalidades desportivas. Mesmo que inicialmente soe como contraditório, o fato é que, para se produzir um bom Jornalismo Esportivo, cada vez mais, é fundamental entender os aspectos sociais, políticos e fundamentalmente econômicos envolvidos no contexto da prática esportiva e dos megaeventos esportivos em observação jornalística (GURGEL, 2012, p. 13).

3. Um podcast para além dos resultados no esporte

Com a paralisação do mundo esportivo, a primeira edição do “Jogo em Casa” foi lançada no final de março de 2020, analisando o impacto do coronavírus no mundo do esporte. Os jornalistas Guilherme Pereira, Martín Fernandez e Bruna Campos conduziram a condução do programa, que contou com a participação de Maique Tavares, primeiro atleta brasileiro infectado pela Covid. No site do *ge.globo*, o texto de descrição do *podcast* mostra que, desde o início, a proposta é mostrar o quão ligado o esporte está com a política, a economia e a cultura.

Em tempos de isolamento, o *podcast* “Jogo em Casa” vai levar todas as notícias do esporte para você! Enquanto a bola não rola e as pistas e piscinas estão vazias, os jornalistas Guilherme Pereira, Martín Fernandez, Bruna Campos e Leonardo Bianchi vão propor uma troca de ideias e informações sobre os impactos da COVID-19. Uma reflexão não só sobre o adiamento de campeonatos e eventos esportivos, mas o que deve mudar após a pandemia. Quais serão os aprendizados após essa crise global? Como serão os Jogos de Tóquio em 2021? Mais do que nunca, ficou claro que o esporte não é apenas entretenimento, mas um emaranhado que envolve política, economia e cultura (JOGO EM CASA, 2020).

Essa visão é corroborada logo nos minutos iniciais da primeira edição do programa. Guilherme Pereira destaca como o mundo do esporte foi impactado pela pandemia, afetando todos os envolvidos, do atleta ao torcedor:

[...] abordar os diferentes aspectos da pandemia, ideias, histórias que retratam o momento. Essa é uma crise capaz de abalar as estruturas de uma sociedade e o esporte não fica de fora disso, tanto que as principais competições estão paralisadas e os Jogos de Tóquio já foram adiados. O esporte passa por um momento de transformação que afeta muita gente ao redor do planeta, de atletas a torcedores. E nós queremos colocar nosso olhar em cima disso (JOGO EM CASA #1, 2020).

A proposta do *podcast*, que tenta mostrar como o esporte está diretamente ligado com o mundo ao redor é a razão para a escolha do “Jogo em Casa” para a análise neste artigo. E, com o passar das edições, o “Jogo” não se restringiu a falar apenas sobre a pandemia. Com a evolução de outros acontecimentos, como as manifestações antirracismo motivadas pela morte de George Floyd nos Estados Unidos no final de maio e o mês do orgulho LGBTQ+ em junho, temáticas como racismo e diversidade passaram a fazer parte da pauta, corroborado com a visão de Jornalismo Esportivo de autores citados anteriormente (TUBINO, 2007; GURGEL, 2013).

Foram selecionados para este artigo todos os episódios do *podcast* veiculados entre 30 de março de 2020, data da primeira edição, e 30 de junho de 2020, totalizando 65 itens para verificação.

Para a análise, optou-se por um protocolo metodológico formulado pelo autor (LONGO, 2019). Este propõe uma observação total do produto, que inclui temas abordados em cada edição, questões referentes à produção como entrevistados e

técnicas de edição, além do conteúdo dos episódios. Para isso, o protocolo se baseia em metodologia quali-quanti, sem necessariamente colocar um abaixo do outro, como defende Flick (2009).

A primeira etapa da análise consiste em mostrar duas características importantes do “Jogo em Casa”: a diversidade de temas abordados (Tabela 1) e de atletas de diferentes modalidades esportivas envolvidos na produção do podcast (Tabela 2).

Temática	Número de edições
Pandemia	45
História / Especiais	10
Racismo	4
Democracia	2
Saúde Mental	2
Homofobia	1
Factuais	1
TOTAL	65

Tabela 1 – Temas abordados nos 65 episódios analisados do “Jogo em Casa”

É notável e compreensível o fato da pandemia ser o tema mais presente ao longo desse período analisado, já que foi a própria pandemia que levou à criação do *podcast*. Mas vale destacar a grande diversidade de tópicos abordados dentro desse assunto. Ao longo das 45 edições, é possível notar pautas como o impacto da pandemia no esporte, a retomada das atividades, a economia do esporte, demissões causadas pela falta de atividades durante o período, questões específicas sobre modalidades como o futebol feminino, vôlei, categorias de base, a relação ensino / esporte e o adiamento dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Tóquio.

Sobre a classificação “História / Especiais”, vale discorrer um pouco mais. Nesta categoria, entram três tipos diferentes de edições encontradas. Em primeiro lugar, um formato que ficou comum no “Jogo em Casa” após o primeiro mês do *podcast*: episódios especiais contando a história de conexão e paixão pelo esporte de pessoas que morreram por causa da COVID-19. Em segundo lugar, episódios que relembram momentos importantes da história do esporte, como os 50 anos do tricampeonato da Copa do Mundo de Futebol de 1970 e os cinco anos do escândalo do *Fifagate*. Finalizando, ainda há edições formadas por entrevistas e debates com grandes nomes do Jornalismo Esportivo brasileiro, como Galvão Bueno, que relembrou as narrações das

vitórias de Ayrton Senna na Fórmula 1 e André Rizek e Marcelo Barreto, que fazem uma análise sobre o papel que o Jornalismo Esportivo vinha desempenhando durante a pandemia.

Modalidade Esportiva	Episódios Presentes
Futebol	39
Esportes Olímpicos	21
Esportes Paralímpicos	5
Basquete	4
Categorias de Base / Ensino de Esporte / Lazer	3
Automobilismo	2
Vôlei	2
MMA	1

Tabela 2 – Modalidades esportivas presentes no “Jogo em Casa”

Como é possível notar, a somatória da tabela acima excede 65, o número de episódios do “Jogo em Casa” utilizados nesta análise. O motivo para isso é que, em muitos casos, os apresentadores falam sobre mais de uma modalidade e trazem convidados de diversas áreas. Foram excluídas dessa conta episódios que tratam das histórias dos que morreram devido à pandemia e os debates com jornalistas, que envolvem o esporte como um todo. A única exceção, foi o episódio onde Galvão Bueno falava apenas Ayrton Senna e Fórmula 1, tendo um direcionamento específico.

Partindo para a análise qualitativa do material, o primeiro ponto que chama a atenção é a diversidade de fontes. Como mostrado na tabela 2, o “Jogo em Casa” não se restringe a falar apenas sobre futebol, abordando também diversas outras modalidades, quebrando uma hegemonia comum no Jornalismo Esportivo. Mas o *podcast* vai além disso. Foi comum encontrar diversos entrevistados ligados ao esporte, mas em outras funções, não apenas atletas, como jornalistas, pesquisadores, historiadores e mais, o que ajuda na explicação das pautas. E, como ressalta Kischinhevsky (2018), eles estão muito presentes no “Jogo”, com sonoras e entrevistas longas, além de intervenções de outras pessoas.

A contextualização também é algo que chama a atenção. Os programas são ricos em informação, traçando um panorama da pauta do dia antes de introduzir os primeiros entrevistados para o aprofundamento sobre o tema.

Uma das principais propostas do “Jogo em Casa”, e que fica claro desde o início, é mostrar que o esporte não é alienado das demais esferas. Muito pelo contrário. A cada episódio, a equipe do *podcast* mostra como o mundo do esporte está diretamente entrelaçado às principais questões sociais, políticas, econômicas e culturais das sociedades modernas e que pautas que estão em alta, como racismo, homofobia, machismo e mais, também são discutidas no âmbito esportivo (ou deveriam ser discutidas) e não podem ser ignoradas, porque os atletas, devido ao reconhecimento e plataforma, podem ser considerados influenciadores.

Por isso, algo muito comum nos episódios analisados foi a elaboração de paralelos do esporte com outras esferas da sociedade. Isso foi mais notável nos episódios que abordam a pandemia e a retomada do esporte na Europa e no Brasil. Os apresentadores falavam constantemente sobre as medidas de combate à COVID-19 nesses países, como estava a situação dos locais que tinham que conviver com o *lockdown* e mais.

Neste contexto, uma edição se destaca em meio as demais. O episódio 15, divulgado em 20 de abril e que tem como título “O jogo que virou uma bomba biológica e ajudou a espalhar o coronavírus pela Itália”, aborda o impacto da partida entre Atalanta e Valência pela UEFA Champions League, mencionado na introdução. No programa, a equipe fala sobre como essa partida, realizada com portões abertos, colaborou para um aumento exponencial de casos de COVID-19 na Itália, levando o governo do país a decretar *lockdown* posteriormente.

Com as discussões sobre a retomada do esporte e, conseqüentemente, o retorno do campeonato carioca de futebol, o “Jogo em Casa” começou a fazer episódios que tratavam do esporte de modo factual. Mas é importante destacar como que o trabalho da cobertura do *podcast* se diferenciou dos conteúdos produzidos pelos veículos tradicionais.

O episódio 58, de 19 de junho, tratou sobre o primeiro evento esportivo do país após a paralisação: o jogo entre Flamengo e Bangu no Maracanã, partida que marcou a retomada do campeonato carioca. Entre os entrevistados, jornalistas que trabalharam na cobertura do evento, torcedores de ambas as equipes que estavam ao redor do estádio, além de uma enfermeira flamenguista, que trabalhava no hospital de campanha montado ao lado do Maracanã.

Apesar de tratar da partida e seu resultado, a visão da equipe do *podcast* era mais crítica, principalmente ao questionar se aquele era o momento ideal para a retomada do esporte no país, com a pandemia ainda em uma curva ascendente.

A discussão sobre a retomada do esporte, que começou com o campeonato carioca, não foi tratada apenas nesse episódio, tendo sido tema de outras edições ao longo do período analisado, fornecendo uma visão completa sobre o assunto, abordando o que estava em jogo com o reinício das atividades, os benefícios e malefícios, além de ouvir os próprios atletas que estavam no centro das atenções.

Mesmo quando foge de temas macros, como a pandemia, o “Jogo em Casa” ainda conseguiu abordar outras temáticas importantes do esporte que já estavam em alta antes da pandemia. No episódio dedicado à possível venda do Newcastle, time da primeira divisão do futebol inglês, a equipe usou a pauta para discutir o processo recente de venda de clubes europeus a bilionários do Oriente Médio e como que isso impacta na geopolítica do futebol.

Isso acaba aparecendo também nos episódios especiais, como os comemorativos dos 70 anos do Maracanã e dos 50 anos do tricampeonato da seleção brasileira de futebol ou no que relembra os cinco anos do *Fifagate*, operação deflagrada nos Estados Unidos e que terminou com a prisão de parte da cúpula da FIFA, órgão máximo do futebol mundial. Episódios como esse mostram que, apesar da pandemia ter mudado radicalmente o panorama do esporte mundial de um dia para o outro, não é possível ignorar o que já circulava antes dos primeiros casos.

Foi possível notar também como que a própria pandemia afetou questões que já estavam presentes antes do aparecimento da COVID. A edição número 24, de 28 de abril, tratava sobre a ligação entre o agravamento da crise de saúde no Amazonas e o legado da Copa do mundo de 2014, abordando como os investimentos na Arena da Amazônia, um dos estádios mais caros e menos usados após o megaevento, fragilizaram as contas do estado e como isso impactou o combate à pandemia.

Ainda nos episódios especiais, três tiveram um formato diferente. Em vez das pautas mais amplas, o programa se dedicou a contar a história de pessoas que morreram em decorrência da pandemia e que tinham suas vidas ligadas ao esporte, mais especificamente a paixão pelo futebol. Na primeira edição da série, que aparecia com frequência irregular, a equipe falou que a inspiração veio a partir de um quadro do

Fantástico, onde atores e atrizes contavam as histórias de quem havia perdido a vida para a COVID-19.

Esses episódios tinham um tom mais emocional, com a presença de amigos e familiares dos mortos, traçando um perfil completo e belo, ajudando o ouvinte a compreender que, por trás dos graves números da pandemia do Brasil, há milhares de histórias que merecem ser contadas e conhecidas.

Como mencionado acima, o *podcast* também separou edições para falar sobre temas importantes que dominaram a pauta ao lado da pandemia nos últimos meses, como mostrado na Tabela 1. Racismo, homofobia e democracia estiveram presentes nos 65 episódios analisados e tiveram programas inteiramente dedicados a cada um.

Na temática da democracia, foi realizado um programa em meio às manifestações de grupos de esquerda e de direita em maio e junho, mostrando a integração das torcidas organizadas nos movimentos antifascismo e pró-democracia, entrevistando membros das agremiações para falar sobre a ligação histórica do esporte com a política no Brasil, em especial a do Corinthians pelo período da “Democracia corintiana”, no auge da ditadura militar.

Já sobre a homofobia, o mês do orgulho LGBTQ+ foi o gancho para a última edição analisada para este artigo, a de 30 de junho. Guilherme Pereira teve ao seu lado o também repórter do Grupo Globo Bem-Hur Correa para falar com dois atletas, Laís Souza e Ian Matos, que assumiram publicamente suas orientações para debater porque ainda existe tanto preconceito no meio esportivo. O episódio ainda foi marcado por depoimentos de outros atletas LGBTQ+ que falaram sobre a importância de assumir publicamente, tanto no âmbito privado quanto no público.

O racismo foi base para quatro episódios entre os 65 analisados. Enquanto dois tiveram um gancho semelhante, o posicionamento de atletas na luta contra o preconceito racial, os outros dois usaram abordagens diferentes para relacionar o esporte com o a sociedade dentro dos acontecimentos recentes.

A edição 38, de 22 de maio, traz dois jogadores de futebol para falar sobre a morte de João Pedro, menino de 14 anos morto em casa em uma operação no complexo do Salgueiro no Rio. Paulinho, ex-jogador do Vasco, e Yuri, da Ponte Preta, falam sobre suas trajetórias de vida e traçam um paralelo com a vida de João, afirmando que aquele caso poderia ter acontecido com qualquer um deles.

Por último, a edição 60, de 23 de junho, traz o caso específico de um atleta de renome no esporte: Lewis Hamilton. O episódio, que conta com a participação de Mariana Becker, repórter de Fórmula 1 da Globo, analisa o papel de um ídolo e como ele influencia as pessoas ao seu redor, fãs e seguidores. O hexacampeão da F1 é o único piloto negro da história da categoria e teve uma trajetória marcada por momentos de racismo antes de se tornar um dos maiores da história do esporte a motor. Com o passar dos anos, ele passou a usar sua plataforma para dar voz a causas raciais, de diversidade e ambientalistas, transcendendo os limites da pista e do esporte, sendo também uma pessoa influente em áreas como a indústria da moda. Estas três temáticas mostram como o Jornalismo Esportivo pode cumprir as características determinadas por Tubino (2007) e Gurgel (2012).

Chama a atenção que, diferente da maioria de programas que temos na mídia brasileira, o “Jogo em Casa” abriu espaço para falar de outras camadas do esporte, para além do alto rendimento. Foi possível encontrar edições que falavam das categorias de base, do esporte de rua (no caso, o futebol de várzea) e até mesmo o ensino esportivo nas escolas brasileiras, em um episódio muito bem produzido onde a equipe discute também como o ensino à distância durante a pandemia exacerbou as diferenças sociais que temos no Brasil. Isso é importante para mostrar ao público que o esporte vai além do que conhecemos normalmente podendo ajudar em nossa formação, corroborando com a discussão feita no item anterior acerca de Bruel (1989), e que a pandemia acaba impactando ainda mais essas áreas.

Considerações Finais

A pandemia do novo coronavírus lançou um grande desafio para o Jornalismo Esportivo brasileiro. Muito pautado pelos resultados dos eventos e pelos tradicionais rituais pré e pós-jogos, os veículos precisaram se reinventar, sair da caixa, em busca de conteúdo para preencher suas grades e espaço ao longo do primeiro semestre de 2020, sem a presença dos jogos.

Enquanto muitos veículos focaram em discussões históricas e listas (“Quem é o melhor de todos os tempos?”, “Qual é a escalação ideal do time?”, e mais), o *ge.globo* apostou em um meio crescente no mercado de mídia brasileiro, o *podcast*, para apresentar um formato diferenciado.

O “Jogo em Casa”, lançado no final de março, surgiu com uma proposta de inserir a esfera esportiva dentro dos contextos atuais da sociedade, com foco no impacto da pandemia, mas foi além, falando de temas essenciais como democracia, racismo e homofobia.

O programa acabou se provando um produto diferenciado dentro do que temos normalmente no Jornalismo Esportivo dos grandes veículos, trazendo pautas que nem sempre têm espaço dentro da ordem do dia, mostrando o quanto o esporte está interligado ao dia-a-dia da sociedade.

Outro ponto que chamou a atenção foi a diversidade de modalidades esportivas abordadas e representadas. O futebol tende a pautar e dominar o noticiário esportivo brasileiro, seguindo a ordem de popularidade que temos no país hoje. Mas o “Jogo em Casa” abriu espaço para outras modalidades, inclusive algumas com pouca representação, como o esporte paralímpico, categorias de base e as modalidades femininas.

No geral, conclui-se que o programa cumpriu as características ditas por Tubino (2007) e Gurgel (2012), que destacam a importância de trazer uma abordagem sociocultural do esporte ao noticiário. As pautas abordadas também se encaixam nas características determinadas por Bruel (1989) ao falar sobre a função social do esporte, incluindo a Esportes Formação, que é o menos abordado pela imprensa, com temas relacionados à formação de cidadãos úteis à sociedade.

Ao final da edição de 24 de julho de 2020, a equipe anunciou o fim do “Jogo em Casa” após 83 edições, afirmando que “o Jogo em Casa acaba porque a partida agora não está mais sendo disputada só em casa. Mesmo com a pandemia ainda fora de controle, o esporte está voltando” (JOGO EM CASA #83, 2020).

Fica registrada aqui a expectativa de que o podcast tenha deixado uma marca no Jornalismo Esportivo, mostrando que o conteúdo não precisa e não deve ficar preso apenas aos resultados das partidas e que é necessário mostrar também as demais facetas do esporte e como elas estão interligadas à sociedade.

Referências bibliográficas

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2013

BRUEL, Maria Rita. Função Social do Esporte. **Motrivivência**, v. 1, p. 108-111, 1989

FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009

GURGEL, Anderson. O Papel do Jornalismo nos Megaeventos Esportivos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35, 2012, Fortaleza, CE. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2012

JOGO EM CASA (Teaser). Apresentado por Guilherme Pereira. Rio de Janeiro: Portal *ge.globo*, 29 mar. 2020. Duração: 03 min. Disponível em: <https://interativos.globoesporte.globo.com/podcasts/programa/jogo-em-casa/episodio/jogo-em-casa-teaser-o-esporte-em-tempos-de-quarentena/>. Acesso em: 03 out. 2020

JOGO EM CASA #1: O impacto do coronavírus no Mundo Esporte. Apresentado por: Guilherme Pereira, Martín Fernandez e Bruna Campos. Entrevistados: Maique Tavares e Guilherme Cosa. *Ge.globo*, 30 mar. 2020. Disponível em: <https://interativos.globoesporte.globo.com/podcasts/programa/jogo-em-casa/episodio/jogo-em-casa-1-o-impacto-do-coronavirus-no-mundo-do-esporte/>. Acesso em: 03 out. 2020

JOGO EM CASA #83: (Especial) Como é e como será o esporte na pandemia? Apresentado por: Guilherme Pereira e Martín Fernandez. Entrevistados: Marcos Uchôa, Diego Moraes, Natália Pasternak. *Ge.globo*, 24 jul. 2020. Disponível em: <https://interativos.globoesporte.globo.com/podcasts/programa/jogo-em-casa/episodio/jogo-em-casa-83-especial-como-e-e-como-sera-o-esporte-na-pandemia/>. Acesso em: 06 out. 2020

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio em episódios, via internet: aproximações entre o podcasting e o conceito de Jornalismo narrativo. **Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación**, v. 5, p. 74-81, 2018. Disponível em: <http://www.revistaaic.eu/index.php/raeic/article/view/148>. Acesso em: 02 out. 2020

LONGO, Guilherme Gonçalves. **A Cobertura das Paralimpíadas Rio-2016 na Imprensa brasileira**. 211 p. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019

MEDEIROS, Marcello Santos de. Podcasting: Produção Descentralizada de Conteúdo Sonoro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28, 2005, Rio de Janeiro, RJ. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2005

MURTA, Cíntia Maria Gomes. Podcast: conversação em rede. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 39, 2016, São Paulo, SP. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2006

TUBINO, Manoel José Gomes; TUBINO, Fábio Mazon; GARRIDO, Fernando Antônio Cardso. **Dicionário Enciclopédico Tubino do Esporte**. São Paulo: SENAC, 2007